



Os Brasis virtuais de Grande sertão: veredas

Palavras-Chave: [Guimarães Rosa]; [Grande sertão: veredas]; [Intérpretes do Brasil]

Bolsista: Luís Fernando Moreira da Costa (Registro Acadêmico: 202264)

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Cesar Barbosa de Melo

Local de execução: Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp

Vigência: setembro de 2020 a agosto de 2021

Financiamento: CNPq/Unicamp

1. Objetivos da pesquisa

Esta pesquisa se propõe a investigar a fortuna crítica de viés sociológico de *Grande sertão: Veredas* (1956), de João Guimarães Rosa, com o objetivo de compreender como essa face da crítica literária roseana compreendeu o papel da matéria brasileira na composição do romance. Partiremos de alguns dos primeiros textos críticos escritos — Antonio Candido, Walnice Nogueira Galvão e Manuel Cavalcanti Proença — para nos debruçarmos sobre alguns estudos mais recentes — Heloísa Starling e Luiz Roncari. Nossa atenção se debruçará para a elaboração teórica de uma visão de Brasil implícita na obra de Rosa, focalizando principalmente a posição política de *GSV* entre duas concepções de Brasil: o arcaico vs. o moderno. Apesar disso, não pretendemos nos manter excessivamente nessa dicotomia, uma vez que preferimos pensar a obra de Rosa segundo um esquema híbrido, que, como argumentado por José Antonio Pasta Júnior, indica a presença de uma modernização conservadora na formação do país. Assim, pretendemos atravessar uma análise da qualidade artística da obra para evidenciar a sua envergadura como discurso de interpretação do Brasil.

2. Descrição da pesquisa

A pesquisa foi realizada em três etapas. Em primeiro lugar, analisamos, cronologicamente, alguns dos trabalhos mais relevantes da fortuna crítica de *Grande sertão: Veredas* que interpretaram a obra por um viés sociológico. Nessa análise, destacamos os argumentos principais de cada crítico e analisamos como cada um deles compreendeu a obra de Rosa. Em segundo lugar, comparamos os resultados da primeira etapa visando a uma compreensão de como os argumentos identificados se

relacionam tanto sincronicamente quanto diacronicamente. Em terceiro lugar, aproximamos o debate contruído ao o livro a fim de percebermos de que maneira o texto literário possibilita (ou rejeita) essas interpretações. Devido às limitações de tempo, nossa pesquisa demandou uma seleção restrita dos críticos analisados, os quais foram organizados quanto à sua data de publicação: a crítica contemporânea à obra literária, constituída de Manuel Cavalcanti Proença, Antônio Candido e Walnice Nogueira Galvão; e, a crítica mais recente, constituída de Luiz Roncari e Heloísa Starling. Além desses estudos, cabe destacar a importância da tese de doutorado de Danielle Corpas, “O jagunço somos nós: visões do brasil na crítica de grande sertão: veredas”, que serviu de orientação crítica para pensarmos os textos críticos utilizados, apesar dela não aparecer tão diretamente em nosso trabalho.

3. Resultados obtidos

É possível realizar uma síntese entre as reflexões desenvolvidas por Antonio Candido em seus dois primeiros ensaios sobre *GSV*, “O homem dos avessos” e “Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa”. E dessa sobreposição, compreendemos duas ideias-chave: a reversibilidade e a forma jagunço. A primeira diz respeito à construção ficcional empreendida por Rosa, que une a matéria real e a matéria imaginária numa junção imediata. Haveria uma conexão direta entre o particular e o universal, entre a região e o mundo. Assim, a figura pitoresca do jagunço se aproximaria da figura universal do cavaleiro andante, traduzindo uma estória local para uma linguagem geral. Daí, resultaria a cumplicidade do leitor, capaz de se identificar com uma personagem aparentemente distante. Já a concepção da forma jagunço, a partir de um outro ponto de vista, indica uma visão assentada na realidade, da qual a construção ficcional parte, mas para a qual retorna, como sugere Candido, por “um movimento que afinal reconduz do mito ao fato” (CANDIDO, 2000, p.130). Produto do seu meio, o jagunço pode ser compreendido como “realização ontológica”, uma vez que “encarna as formas mais plenas da contradição no mundo-sertão” (CANDIDO, 2004, p.114). Assim, ao conceber uma transcendência imediata, que une os polos do sertão e do mundo, Candido não perde de vista a importância da matéria histórica, que formata o jagunço e que sugere, na construção literária, um retorno da imaginação ao concreto. Sugiro, assim, que, ao identificar o desvencilhamento de *GSV* a uma representação direta da realidade (nos moldes regionalistas) e ao construir a ideia do jagunço como forma, Candido tenha promovido no jagunço roseano uma espécie de decantação, na qual a matéria história se adensa. Assim, se o cenário não condiz precisamente ao sertão brasileiro, com a sua organização social típica da República Velha, por outro lado, o jagunço comporta em si mesmo os comportamentos e a mentalidade derivadas desse contexto.

Minha leitura, portanto, sugere que a interpretação de *Candido* abriga dentro de si a compreensão de um vínculo indissociável entre a história e a transcendência de *GSV*. Perspectiva que merece maior destaque por ler na expressão “O Sertão é o Mundo” mais do que uma fórmula transcendental, uma vez que a concebe em sua própria reverbilidade, ou seja, o mundo também é o sertão. Esse vínculo foi o provável guia que levou Walnice Nogueira Galvão a desenvolver o seu estudo *As formas do falso* baseada na tese de que a ambiguidade do romance, transparente nos vários níveis narrativos, derivaria de uma condição ambigua da história brasileira. Nesse sentido, Galvão parece desenvolver pontos destacados por *Candido* em sua análise, porém, contrapõe-se ao seu mestre ao sugerir em sua interpretação uma perspectiva nacional. Assim, o que parecia característica de uma relação não mediada entre o local e o universal, ganha uma nova dimensão na qual a ambiguidade atravessa a condição jagunça para encenar os processos políticos da República Velha e, finalmente, alcançar a esfera de composição imagética do romance. O ponto central dessa inovação interpretativa pode ser resumido na seguinte citação da estudiosa: “Mas o solerte escritor de que me ocupo dissimula a História para melhor desvendá-la” (GALVÃO, 1986, p.63). No entanto, o reconhecimento da qualidade literária de Rosa, assim como de sua consciência histórica, não distraem Galvão de ler a sua obra a partir de um olhar crítico. Ela mostra que, assim como grande parte da tradição letrada do Brasil, Guimarães Rosa também construiu um universo ficcional assentado numa perspectiva medievalizante. Dentro dessa tradição, o imaginário medieval funcionaria como uma célula ideológica, que, ao observar o próprio país a partir de uma analogia com os processos históricos europeus, embargaria na intelectualidade brasileira uma apreensão profunda das particularidades de sua realidade. Novamente, a estudiosa concebe uma lógica ambígua na qual os polos caracterizados pela matéria real e pela matéria imaginária elaborariam, a meu ver, o esquema interpretativo de *Candido* com uma novidade: em vez de uma relação entre o local e o universal, *GSV* se construiria numa relação entre a história e a ideologia.

O peso dado à história brasileira (e à experiência nacional) na composição do romance conferem ao estudo de Galvão um aspecto de novidade diante de uma fortuna crítica voltada à transcendência e à universalidade. Diante desse cenário, Galvão não só revisitou as reflexões de *Candido* e de Cavalcanti Proença, como destacou o vínculo indissociável entre a matéria imaginária e a matéria real, desenvolvido inicialmente pelo primeiro, e fundamentou através de um viés histórico as contribuições do segundo. Além disso, a estudiosa inovou ao perceber o caráter de mediação da experiência nacional entre o local e o universal, termos tão aludidos nas leituras de *GSV*. Afinal, a ambiguidade do jagunço deriva de uma condição caracterizada simultaneamente por uma liberdade absoluta e por uma dependência absoluta. Esta existência contraditória é, por sua vez, o resultado de relações sociais desenvolvidas num sistema produtivo voltado à exportação de produtos agrícolas produzidos em latifúndios por uma mão-de-obra escrava. O mesmo sistema que

edifica um sistema político contraditório, pois sustentado por uma disputa política ao mesmo tempo dinâmica e estática — reprodutora do que a crítica sociológica denominará de “modernização conservadora”: “As lutas pelo Poder, entre grupos da minoria, não trazem nenhuma modificação estrutural. A instabilidade caracteriza a conjuntura governamental e a estabilidade a estrutura sócio-econômica” (GALVÃO, 1986, p.46).

A partir daí, conseguimos estabelecer um vínculo entre a crítica contemporânea a *GSV* e a crítica mais recente. Dessa primeira leitura, sustentada por dois pilares centrais: a vinculação histórica (Proença e Galvão) e a articulação literária entre várias facetas (Candido e Galvão), desenvolvem-se leituras posteriores, como a de Luiz Roncari, que, em *O Brasil de Rosa*, evidencia a articulação do texto rosiano a partir de “três tipos de fontes principais: uma empírica, dada pela vivência direta da região e do país; outra mítica e universal, adquirida na leitura da literatura clássica e moderna; e outra nacional, apoiada não só na nossa tradição literária, mas também nos velhos e novos estudo e interpretações do Brasil, efervescentes em seu tempo” (RONCARI, 2004, p.17). Quanto a vinculação histórica, Roncari abrange várias conexões entre a obra e o seu contexto histórico, mostrando como *GSV* também pode ser lido como uma alegoria da vida político-institucional da Primeira República (1889-1930). Além disso, defende, como hipótese secundária, a influência da obra interpretativa de Oliveira Vianna como um importante sustentáculo ideológico da obra roseana. Nesse sentido, o seu objetivo é mostrar como a ordem é tematizada no livro, principalmente no centro da disputa entre as duas grandes ordens do início da República Velha: a ordem tradicional (do sertão) e a ordem moderna (da cidade). Dando foco à cena do tribunal, Roncari procura mostrar como houve uma adaptação da ordem moderna à ordem tradicional, de modo a entender na obra a reencenação da modernização conservadora do país. Processo também identificado por Pasta Jr., que, ao analisar *GSV* numa perspectiva mais formalizante, não deixa de evidenciar tanto na estrutura narrativa quanto na vinculação histórica a presença da modernização conservadora: “Ao longo dos séculos, e de um modo que nunca superaram completamente seja a Independência sejam as sucessivas modernizações conservadoras, o Brasil praticou a junção contraditória de formas de relações interpessoais e sociais que supõem a independência ou a autonomia do indivíduo e sua dependência pessoal direta” (PASTA JR., 1999, p.67).

4. Conclusões

Assim como os críticos mais recentes (Roncari, Pasta Jr. e Heloísa Starling), os crítico contemporâneos a *GSV* (Candido, Galvão e Proença) também evidenciaram a ordem como tema central da obra roseana. Entretanto, os críticos mais recentes desenvolveram as suas leituras no sentido de evidenciar detalhadamente esse tema como ponto de vinculação histórica da obra

literária. A impressão é de que eles se aproveitaram da intuição dos críticos anteriores, principalmente Candido e Galvão, e aprofundaram as singularidades nacionais da obra literária. Até então, Candido tinha apenas ressaltado a história como parte da composição do romance, de onde ele partiria para uma transcendência universalizante. Galvão havia mostrado aprofundadamente os elementos históricos presentes no romance, porém, sem apresentá-lo em seu sentido alegórico. Adiante, Roncari e Starling foram capazes de, sobre essa base crítica, aproveitar todas as vinculações encontradas, que mostrariam *GSV* como um grande drama, onde seria encenada a disputa entre as duas ordens centrais na constituição histórica da sociedade brasileira: a ordem tradicional vs. ordem moderna, representativas da dualidade entre o arcaico e o moderno.

5. Bibliografia

CANDIDO, Antonio. **O homem dos avessos**. In: Tese e antítese: ensaios. 4a ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000. p. 119-139.

_____. Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 4. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Ouro Sobre Azul, Duas Cidades, 2004. p. 99-124.

CORPAS, Danielle dos Santos. **O jagunço somos nós**: visões do Brasil na crítica de Grande Sertão: veredas. 2006. 270 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Teoria Literária, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens livres na ordem escravocrata**. 4. ed. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **As formas do falso**: um estudo sobre a ambigüidade no Grande Sertão: Veredas. São Paulo: Perspectiva, 1986.

PROENÇA, M. Cavalcanti. **Trilhas no grande sertão**. In: Augusto dos Anjos e outros ensaios. 2. ed. Rio de Janeiro: Grifo; Brasília: INL, 1973. p. 155-239.

RONCARI, Luiz. **O Brasil de Rosa**: mito e história no universo rosiano: o amor e o poder. São Paulo: Unesp, 2004.

SCHWARZ, Roberto. **Sereia e o desconfiado**: ensaios críticos. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

STARLING, Heloísa. **Lembranças do Brasil**: teoria política, história, ficção em Grande Sertão: veredas. Rio de Janeiro: Revan, 1999.